

AS RELAÇÕES FAMILIARES NAS REDES SOCIAIS PESSOAIS DE IDOSOS

Rute MONTEIRO ⁽¹⁾
Sonia GUADALUPE ⁽²⁾
Henrique Testa VICENTE ⁽³⁾
Fernanda DANIEL ⁽⁴⁾

Introdução

A velhice constitui um período de grandes mudanças nos planos biológico, psicológico e social, bem como, no plano das relações interpessoais (Sequeira e Silva, 2002). As redes pessoais sociais correspondem ao nicho interpessoal de interação social do indivíduo e contribuem significativamente para a sua autoimagem e sentido de bem-estar (Sluzki, 1997). Assim, as pessoas com as quais o idoso se relaciona são um pilar fundamental para um envelhecimento bem sucedido (Erbolato, 2006). As famílias destacam-se como componentes centrais das redes na provisão informal, sendo evidenciado um forte familismo das redes sociais em Portugal (Aboim, Vasconcelos e Wall, 2013; Fernandes, 2001; Portugal, 2011, 2014), sendo o parentesco tido como “o lugar primordial das trocas intergeracionais” (Fernandes, 2001, p. 48).
A rede social pessoal tem a qualidade singular de ser simultaneamente centrada no indivíduo e no sistema relacional (Sluzki, 1997) e pode ser analisada fazendo-se distinção entre as suas caraterísticas estruturais, funcionais e relacionais-contextuais (Guadalupe, 2010). Temos, assim, como **objetivo** apresentar uma análise da composição das redes sociais pessoais (a nível estrutural, funcional e relacional-contextual) em função do campo das relações familiares.

Participantes

A amostra é constituída por 567 participantes com 65 anos ou mais ($M = 75,53$ anos), com predominância do sexo feminino (64,1%). A maioria é casada (53,8%) e 34,4% são viúvos e detêm a 4ª classe (51,3%). Os participantes, na sua maioria, têm filhos (87,8%), não vivem sós (79,4%) e não se encontram institucionalizados (91,7%) (Monteiro, 2015).

Tabela 1. Caraterísticas Sociodemográficas segundo a composição da rede

		Redes exclusivamente familiares n= 248 (43,7%)	Redes com família e outros campos relacionais n= 303 (53,4%)	Redes sem família n=16 (2,8%)
Sexo	Masculino	89 (35,9%)	120 (39,6%)	1 (6,2%)
	Feminino	159 (64,1%)	183 (60,4%)	15 (93,8%)
	Menor igual 75	120 (48,4%)	171 (56,4%)	5 (31,3%)
Idade	76-85	102 (41,1%)	92 (30,4%)	10 (62,5%)
	Maior 86	26 (10,5%)	40 (13,2%)	1 (6,2%)
	Solteiro	5 (2,0%)	28 (9,2%)	9 (56,2%)
Estado civil	Casado/união facto	148 (59,7%)	157 (51,8%)	0 (0,0%)
	Viúvo	88 (35,6%)	100 (33,0%)	7 (43,8%)
	Divorciado	6 (2,4%)	18 (5,9%)	0 (0,0%)
Descendentes	Com filhos	232 (93,5%)	263 (86,8%)	3 (18,8%)
	Sem filhos	16 (6,5%)	40 (13,2%)	13 (81,2%)
Vive só ou acompanhado	Vive só	35 (14,1%)	73 (34,1%)	9 (56,2%)
	Vive acompanhado	213 (85,9%)	230 (75,9%)	7 (43,8%)
Institucionalização	Não Institucionalizado	234 (94,4%)	274 (90,4%)	12 (75,0%)
	Institucionalizado	14 (5,6%)	29 (9,65%)	4 (25,0%)

Material

Para caraterizar as redes sociais pessoais utilizámos o Instrumento de Análise da Rede Social e Pessoal – Idosos (IARSP-idosos) (Guadalupe, 2010; Guadalupe e Vicente, 2012) e um questionário para descrever sociodemograficamente a amostra. O estudo insere-se no projeto Redes Sociais Pessoais de Idosos portugueses (ISMT/CEPESE).

Tabela 2. Caraterísticas das redes segundo a composição

		Redes exclusivamente familiares n= 248 (43,7%)	Redes com família e outros campos relacionais n= 303 (53,4%)	Redes sem família n=16 (2,8%)
Caraterísticas Estruturais	Tamanho da rede	M= 6,51 membros	M= 9,42 membros	M= 4,13 membros
	Campos relacionais	M= 1,00	M= 2,35	M= 1,25
	Proporção média dos campos relacionais	Família: 100%	Família: 62,05% Amigos: 20,73% Vizinhos: 12,17% Colegas: 1% Técnicos 2,90%	Amigos: 46,25% Vizinhos: 32,81% Colegas: 2,5%
	Densidade	M= 99,87 (Coesa)	M= 93,28 (Coesa)	M= 99,29 (Coesa)
Caraterísticas Funcionais	Apoio emocional	M= 2,71 (Alto)	M= 2,59 (Alto)	M= 2,50 (Alto)
	Apoio Material e Instrumental	M= 2,33 (Moderado)	M= 2,17 (Moderado)	M= 2,32 (Moderado)
	Companhia social	M= 2,42 (Moderado)	M= 2,26 (Moderado)	M= 2,43 (Moderado)
	Reciprocidade	M= 3,54 (Dá apoio à maioria)	M= 3,26 (Dá apoio a alguns)	M= 2,75 (Dá apoio a alguns)
Caraterísticas Relacionais Contextuais	Frequência de contactos	M= 2,16 (Algumas vezes por semana)	M= 2,18 (Algumas vezes por semana)	M= 1,38 (Diariamente)
	Dispersão geográfica	M= 2,66 (Na mesma terra)	M= 2,92 (Na mesma terra)	M= 2,14 (No mesmo bairro)

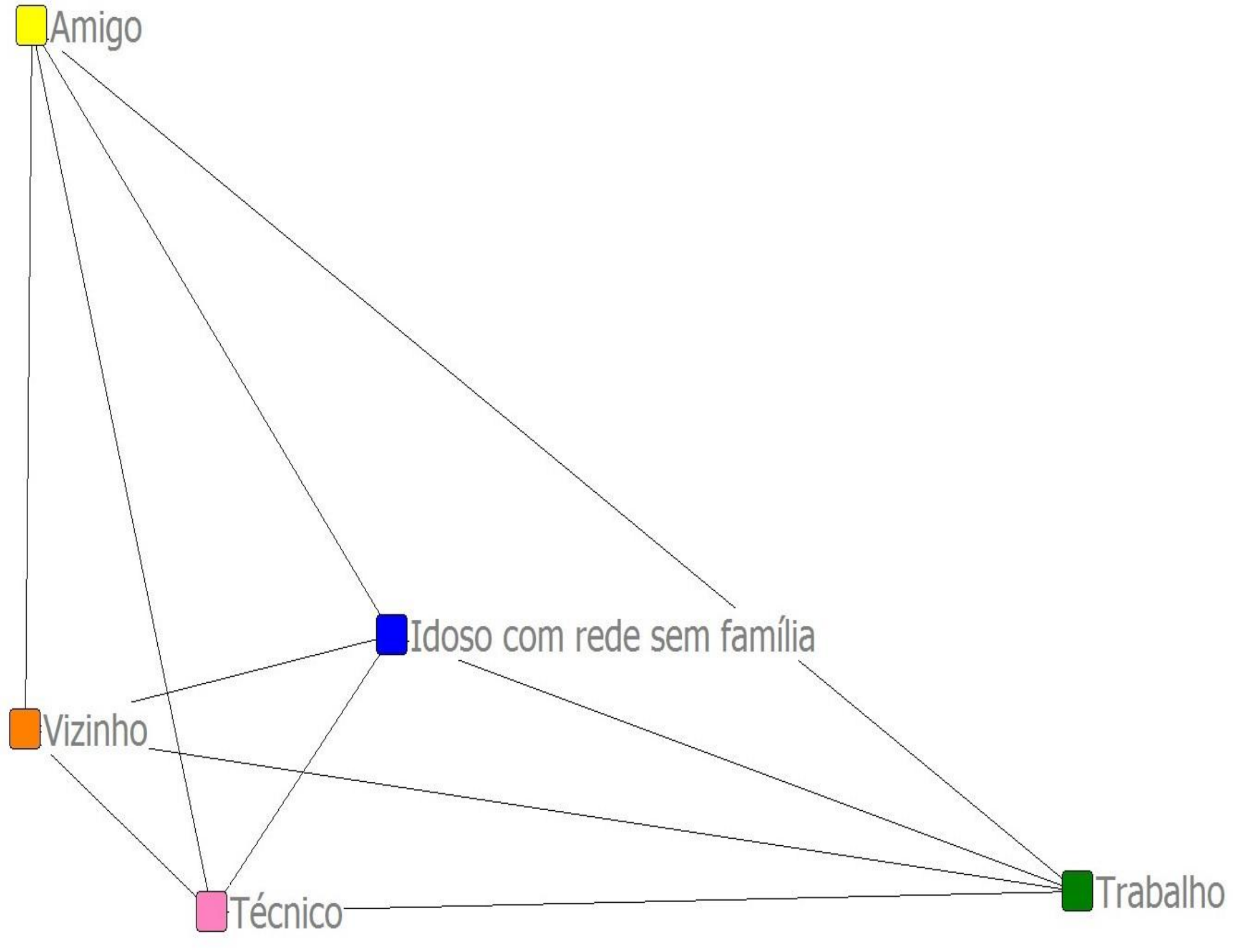
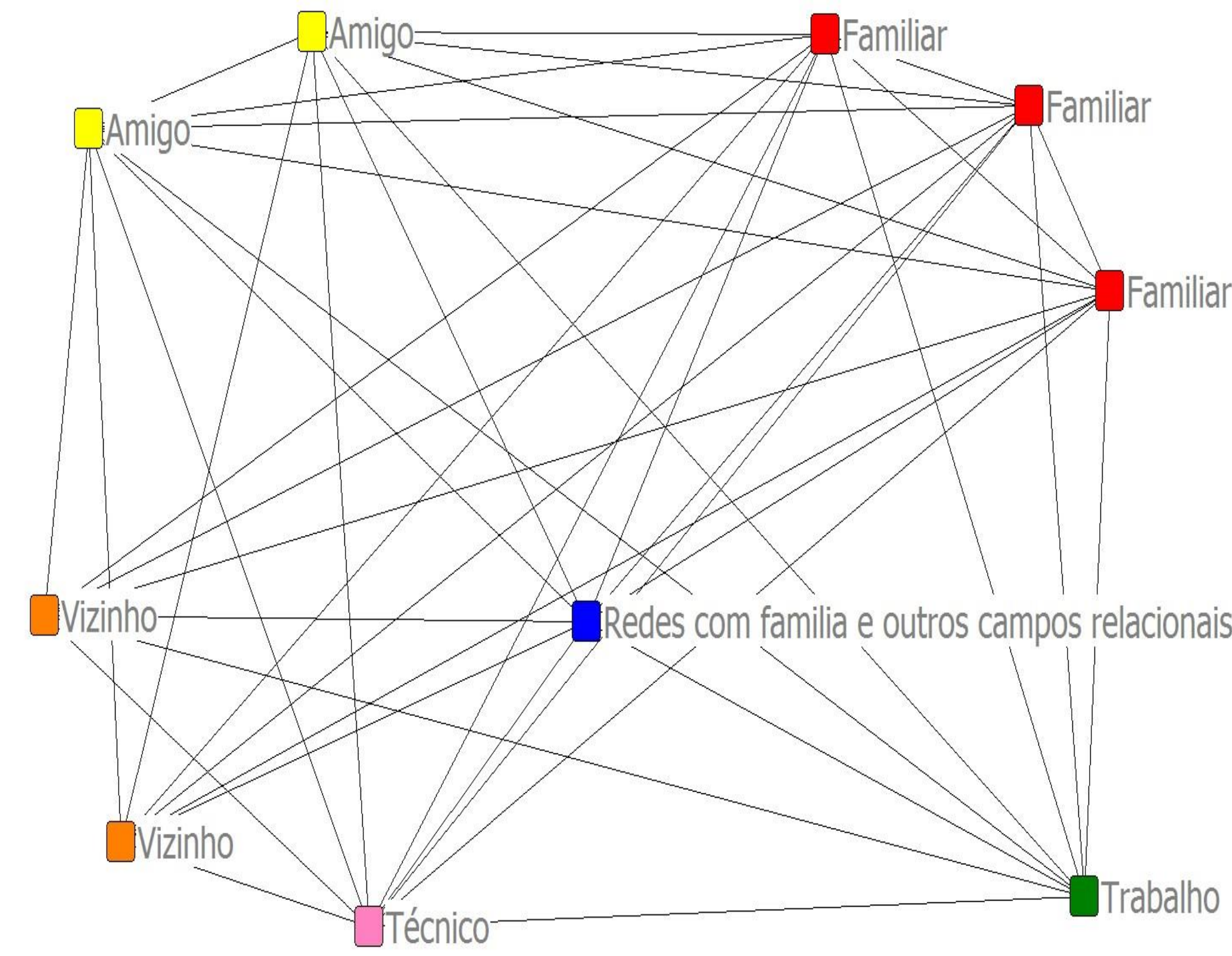
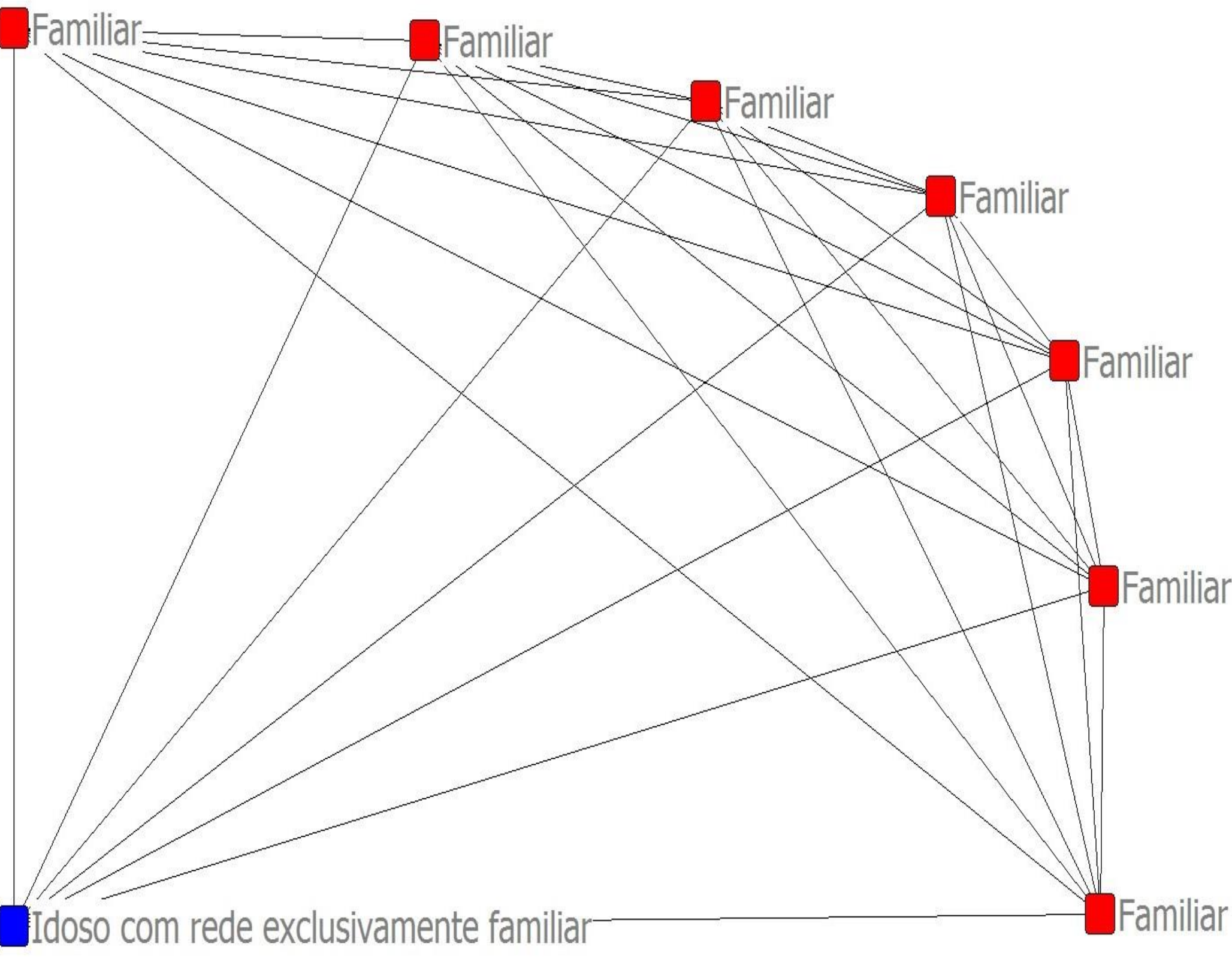


Figura 1. Representação das redes com três composições: exclusivamente familiares; com família e outros campos relacionais; sem família.

Discussão dos Resultados

As redes são compostas em média por 8 elementos, dominadas por laços familiares ($M = 76,90\%$), confirmando o seu familismo, isto é, o papel central das famílias nas redes e no apoio informal (Aboim, Vasconcelos e Wall, 2013; Fernandes, 2001; Portugal, 2011, 2014). A composição das redes mais frequente na amostra é a composta por família e outros campos relacionais (53,4%), seguida de perto das redes exclusivamente familiares (43,7%), sendo escassas as redes sem relações familiares na sua composição (2,8%). As redes familistas são redes muito coesas, com relações interpessoais duradouras, com pouca dispersão geográfica e elevada frequência de contactos. Por conseguinte, são redes potencialmente centrípetas, o que poderá limitar a sua abertura a novas relações interpessoais (Sluzki, 1997). Redes com família e outros campos relacionais na composição constituem-se por maior diversidade de campos relacionais, mas também de maior dispersão. No entanto, a família é também dominante nestas redes, sendo, em média 62% de parentes no tamanho das redes. As redes sem família são centradas nas relações de amizade e de vizinhança. As redes exclusivamente familiares estão associadas a maior percepção de apoio emocional, material e instrumental, companhia social e reciprocidade de apoio. As redes com família e outras composições caracterizam-se por ter mais elementos e uma maior dispersão geográfica. As redes sem família são as mais reduzidas e são normalmente homogêneas para o género feminino e a nível etário, no grupo idoso. Os idosos com 76-85 anos, casados e com agregado familiar numeroso têm maior probabilidade de pertencer a redes exclusivamente familiares. Os idosos mais jovens e divorciados tendem a pertencer a redes mais diversificadas enquanto as mulheres e os indivíduos solteiros e sem filhos têm maior probabilidade de não ter laços familiares nas suas redes, compensando a sua ausência com relações de amizade e de vizinhança (Monteiro, 2015).

Conclusão

Havendo uma contração da rede social pessoal do idoso à medida que envelhece, com perda de elementos (Sluzki, 1997), vai aumentando a contração nos laços familiares para a generalidade das pessoas. Contudo, será essencial potenciar a diversificação e manutenção dos vínculos promovendo o acesso a novos contactos ao longo da vida, de forma a garantir uma rede social pessoal diversificada e efetiva, em vínculos e recursos, que complemente as necessidades e favoreça o bem-estar da pessoa idosa (Monteiro, 2015).

Referências
Aboim, S. Vasconcelos, P. e Wall, K. (2013). Support, social networks and the family in Portugal: two decades of research, *International Review of Sociology*, 23:1, 47-67. DOI: 10.1080/03906701.2013.771050.
Erbolato, R. (2006). Relações sociais na velhice. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 2
Fernandes, A. A. (2001). Velhice, solididades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 36, 39-52.
Guadalupe, S. (2010). *Intervenção em rede – serviço social, sistémica e redes de suporte social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
Guadalupe, S. e Vicente, H. (2012). *Instrumento de Análise de Rede Social Pessoal – Idosos*. (Manual não publicado). Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
Monteiro, A. R. (2015). *A família nas redes sociais pessoais de idosos* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica). Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/533>
Portugal, S. (2011). Dádiva, família e redes sociais. In S. Portugal e P.H. Martins (org.), *Cidadania, políticas públicas e redes sociais* (pp. 39-53). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
Portugal, S. (2014). Famílias e redes sociais. *Ligações fortes na produção de bem-estar*. Coimbra: Almedina.
Sequeira, A. e Silva, M. (2002). O bem-estar da pessoa idosa em meio rural. *Análise Psicológica*, 3 (XX), 55-516.
Sluzki, C.E. (1997). *A rede social na prática sistémica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa Psi Livraria.
Sluzki, C. (2007). Famílias e redes. Em L. Fernandes e M. Santos (coord.), *Terapia familiar, rede e política social* (pp. 95-124). Lisboa: Clempsi.



(1) Mestre em Psicologia pelo Instituto Superior Miguel Torga (ISMT) (www.ismt.pt)
(2) Investigadora do CEPESE (www.cepese.pt) e CIES (www.cies.iscte.pt), Professora Auxiliar no ISMT (www.ismt.pt).
(3) Investigador do CEPESE (www.cepese.pt), Professor Auxiliar ISMT (www.ismt.pt)
(4) Investigadora do CEISUC (www.uc.pt/org/ceisuc) e CIES (www.cies.iscte.pt), Professora Auxiliar no ISMT (www.ismt.pt)

